

Portugal e Espanha aderem a pacote

Dow Jones

Antes que o Fundo Monetário Internacional (FMI) se pronuncie sobre o pacote, funcionários do governo brasileiro devem assinar uma carta de intenções, que fornecerá ao FMI um esboço dos planos econômicos do País. Os funcionários do Fundo querem estar certos de que o governo está comprometido com a implementação das medidas deusteridade fiscal.

O Brasil está sendo visto como estando no rumo certo, como o vice-secretário do Tesouro norte-americano, Lawrence Summers, reiterou ontem em um discurso à Associação do Setor Químico. Mas, até o momento, a carta de intenções não foi

assinada. Detalhes do plano têm-se arrastado por semanas.

Os investidores esperavam um quadro claro mais cedo, já que funcionários de alto escalão das principais instituições multilaterais, incluindo Fischer, do FMI, e o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, têm feito comentários nesse sentido.

Em meio à espera, as estimativas sobre as dimensões do pacote de ajuda variam. Primeiro, os economistas do setor privado disseram esperar que chegue a algo entre US\$ 30 bilhões e 40 bilhões, dependendo das somas de contribuições bilaterais. Mas o consenso sobre os números então caiu para US\$ 30 bilhões,

enquanto algumas fontes estão dizendo agora que o total poderia ser de US\$ 40 a US\$ 45 bilhões.

Fontes monetárias de fora da Basileia informaram ontem que 13 países contribuiriam para os fundos multilaterais, com a parcela norte-americana de US\$ 5 bilhões representando a maior parte.

Os 13 envolvem o G-10 mais Portugal e Espanha, afirmam. A Alemanha, a França, a Itália e o Reino Unido contribuiriam cada qual com US\$ 1,5 bilhão; a Espanha acrescentaria US\$ 1 bilhão; a Suíça, US\$ 250 milhões; Bélgica, Canadá, Japão, Holanda, Portugal e a Suécia também contribuiriam, segundo essas fontes.